Caminho da perdição

Crítica // Pecadora ★★★



MICHELE ALBUQUERQUE/DIVULGAÇÃO

Pecadora: muitos limites ultrapassados

Sem muito pudor, a diretora Dainara Toffoli aposta em sensualidade e libertação no filme estrelado por Rayssa Bratillieri e José Loreto

Ricardo Daehn

Numa rota de colisão, daquelas que pela eternidade confrontam, o longa *Pecadora*, baseado em romance escrito por Nàna Páuvoli, alinha a carne, firme (mas fraca), de uma personagem aos seus supostos méritos como obediente e submissa. Mesmo casada com Isaque (Hipólyto), Isabel, a protagonista vivida por Rayssa Bratillieri, deixa escapar, em determinado ponto da jornada, crer não existir "homem para si (ela)". Expondo amplos conceitos ultrapassados na sociedade, com valores claramente de fachada, o roteiro assinado por Camila Raffanti traz um longo tapete vermelho para a glorificação das escapadelas de Isabel, neste filme assinado por Dainara Toffoli.

Autora de *Mar de dentro* (2022), Dainara rearranja, novamente, o tom moderno, que embalou elementos como insegurança no trabalho e maternidade, trabalhados no filme anterior. Ausente na cama, Isaque se mostra o homem opressor que ergue barreiras e interdição à felicidade da esposa, que regurgita conceitos de matrimônio e religião. "Edificar o casamento" é atrelado à personagem carente de diversão e vida. No fundo, Pecadora traz um misto do andamento de episódios de *A vida como ela é...* (com soft porn exibido no Fantástico) com toda a incongruência dramática e constrangedora das fitas à la 50 tons de cinza, nutridas por um erotismo acabrunhado.

Joguinhos sensuais, apimentadas trocas de mensagens (em longos bytes de safadezas) e músicas de elevador estão no combo de leviandade conjunta entre Enrico (o patrão vivido por José Loreto) e a moça que o faz de um belo objeto sexual. O artifício resulta naquela carga de magia do cinema que dá inesperado click — e tudo se ajeita no filme regado a espumante, venda nos olhos e outras sinalizações de desejos latentes.

Sexo oral (que desponta como uma revelação para a martirizada esposa pronta para retrucar regras de devota), nudez discreta e uma tal "febre louca" ajustam os impulsos de Isabel com lascívia a pico, e inócua aos efeitos do escudo de orações. Com críticas às igrejas nos moldes de empresas (com estabelecimento até de filiais), o filme expõe violências em nome da fé, como a amputação da determinação de Isabel por parte do pai Sebastião (Marcos Pasquim, em destacada presença). Algumas das sequências mais inspiradas (mesmo que com algo publicitário) cercam a talentosa Rayssa Bratillieri, íntegra e bela em momentos como o do teste de marcação de luz e o do desafio à autoridade masculina, além dos momentos mais eróticos (da masturbação e dos olhos vendados).